Como viver em tempos de **CRISE?**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Morin, Edgar
Como viver em tempos de crise? / Edgar Morin, Patrick Viveret ; tradução de Clóvis Marques. - São Paulo : Paulus, 2026.
(Coleção Pensar: clássicos de bolso)

ISBN 978-85-349-6470-8
Título original: Comment vivre en temps de crise?

1. Crises 2. Ciências sociais 3. Filosofia I. Título II. Viveret, Patrick III. Marques, Clovis IV. Série

26-4169 CDD 303.4

Índice para catálogo sistemático:
1. Crises

Coleção **Pensar – Clássicos de bolso**

- *Iniciação à sabedoria,* Fílon de Alexandria
- *Como viver em tempos de crise?,* Edgar Morin; Patrick Viveret
- *O mal-estar na cultura,* Sigmund Freud
- *Sobre a liberdade,* John Stuart Mill

EDGAR MORIN
PATRICK VIVERET

Tradução: Clóvis Marques

Como viver em tempos de **CRISE?**

PAULUS

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Comment vivre en temps de crise?*
© Bayard Éditions, France, 2010
Text by Edgar Morin / Patrick Viveret

Direção editorial
Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial
Elisa Zuigeber

Revisão
Tiago José Risi Leme
André Odashima

Design
Julia Ahmed

Imagem da capa
Getty Images

Impressão e acabamento
PAULUS

1ª edição, 2026

Conheça o catálogo **PAULUS** acessando: **paulus.com.br/loja**, ou pelo QR Code.
Televendas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

© PAULUS - 2026
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-6470-8

Índice

7 Entender o mundo que nos espera
Edgar Morin

25 O que faremos com a nossa vida?
Patrick Viveret

Entender o mundo que nos espera

Edgar Morin

As crises agravam as incertezas, favorecem os questionamentos; podem estimular a busca de novas soluções e também provocar reações patológicas, como a escolha de um bode expiatório. São, portanto, profundamente ambivalentes.

Para entender o que acontece e o que vai acontecer no mundo, é preciso ser sensível à ambiguidade. O que é a ambiguidade? Ela se traduz pelo fato de que uma realidade, pessoa ou sociedade se apresenta sob o aspecto de duas verdades diferentes ou contrárias, ou então apresenta duas faces, não se sabendo qual é a verdadeira. Tomemos o exemplo dos Estados Unidos: podemos ver neles a imagem da democracia, de um anteparo contra a ditadura, mas também do imperialismo, do intervencionismo no Iraque, do massacre das populações indígenas. Eles apresentam, portanto, esses dois rostos, e talvez um deles seja mais marcante que o outro em determinados momentos de sua história. Pascal tinha o senso da ambiguidade; para ele, o ser humano traz em si o melhor e o pior. Descartes, não. Devemos ser pascalianos.

A segunda coisa necessária para esse entendimento é a ambivalência: quando um processo apresenta dois aspectos de valores diferentes e às vezes contrários, é ambivalente. Tomemos um exemplo na história da Europa Ocidental: a partir do século XVI, a Europa conquista o mundo, a África, a América, coloniza esses continentes e se mostra cruel, exterminadora, escravagista. Simultaneamente, vale dizer, exatamente na época em que ela exerce sua crueldade nessas regiões do mundo, a Europa também é o único lugar onde se desenvolveram as ideias de direitos do homem, de fraternidade universal. Essa Europa, portanto, é ao mesmo tempo cruel e civilizada, dupla face de que dão testemunho, à sua maneira, dois grandes espíritos da época, o primeiro, por seu combate, e o segundo, por seus escritos: Bartolomeu de Las Casas, católico (de origem judaica), obriga a Igreja a reconhecer que os indígenas têm alma; Montaigne (cuja família paterna era marrana, donde sua experiência da diferença) exclama: "São chamadas bárbaras as pessoas de outra civilização. E nós somos mais ferozes que os canibais, que comem os inimigos mortos, considerando que o que fazemos é torturar pessoas vivas". Em sua face positiva, portanto, a Europa oferece uma mensagem de compreensão dos outros, do humanismo cristão que nasce da confluência do evangelismo com as ideias gregas. Embora, nos primeiros

séculos, esse aspecto fosse muito secundário, a Europa transformou-se em defensora dos valores de liberdade. A ambivalência é, assim, integrada a um processo, como qualquer valor, podendo tornar-se mais ou menos importante.

Tomemos ainda como exemplo o processo de globalização, favorecido pela técnica e pelo desenvolvimento das comunicações, como a Internet e o telefone celular. Experimentamos uma ruptura temporal (1989-1990), com a implosão da União Soviética e a explosão do liberalismo na Rússia e na China. Esse duplo fenômeno levou à hegemonia da economia, do lucro e também dos Estados Unidos, processo que, por sua vez, gerou suas próprias ambivalências: criação de novas zonas de prosperidade, de novas classes médias na Índia, na China, no Brasil, mas também de novas zonas de miséria. A esse respeito, devemos estabelecer uma diferença entre a pobreza e a miséria: uma família que vive em um pequeno lote de terra com policultura e animais de criação é pobre, mas tem um mínimo de dignidade e autonomia, ao passo que as pessoas tiradas do campo para serem jogadas em favelas se encontram em uma dependência absoluta, isto é, na miséria, a exemplo dos habitantes das favelas da América Latina, sempre em expansão. Podemos discutir longamente as vantagens e as desvantagens dessa globalização, mas acredito que é a

miséria que domina. O importante, contudo, é sua profunda ambivalência; esse processo não tem regulação interna – ao contrário dos antigos Estados, é um processo desmedido e incontrolável, que pode gerar crises. A globalização é a pior e a melhor das coisas.

É preciso ter sensibilidade para as contradições: quando chegamos, pelo estudo e pela análise, a duas verdades contraditórias, nosso hábito lógico consiste em mudar de raciocínio para eliminar a contradição. Isso ocorre não apenas nos problemas políticos e sociais, mas também na física. É preciso assumir e transcender as contradições.

A inadequação, com efeito, tem crescido constantemente entre nossos saberes parcelados, compartimentados entre disciplinas, e entre os problemas multidimensionais, transnacionais, globais, planetários. A divisão das disciplinas nos torna incapazes de apreender a complexidade, da palavra *complexus*, "o que é tecido junto". O desafio da globalidade é um desafio da complexidade. Na história planetária, as interações e retroações entre os processos econômicos, políticos, religiosos, demográficos, científicos, técnicos, já incontáveis, estão constantemente aumentando. Ora, uma das tragédias do pensamento atual é que nossas universidades e escolas superiores produzem eminentes especialistas cujo pensamento